

muito bem tratado, mas sitiado pelas minas. Gostava de Clifford, embora se vexasse de vê-lo na literatura, com o retrato nos jornais. Um dândi da escola do rei Eduardo, para o qual a vida era a vida e escrever, uma tolice. Muito galanteador de Lady Chatterley. Achava-a encantadora, virginal, reservada, excelente para um homem que não era homem. Pena que não tivesse ensanchas de filho, já que necessitava dum herdeiro para Wragby. Também ele não tinha herdeiro.

Constance pensou consigo sobre o que diria esse homem se soubesse que o guarda-caça de Clifford a penetrava e lhe dizia em grosseiro patoá: "É preciso que venha um dia à minha casa". Certo que passaria a detestá-la e a desprezá-la, porque Winter não admitia o avanço da classe operária. Se ela escolhesse um amante na alta sociedade, estaria perdoada, porque o seu ar virginal e submisso talvez não fosse reflexo do temperamento. Ele a tratava de "minha filha" e lhe deu, à força, uma miniatura duma dama do século dezoito.

Mas a Constance continuava a preocupar a sua ligação com Mellors. Mr. Winter, por exemplo, homem de sociedade que era, tratá-la-ia como a uma personalidade, e de nenhum modo a misturaria com o rebanho de fêmeas humanas, chamando-lhe de "você" e de "tu".

Constance não voltou à floresta nem no segundo, nem no terceiro dia. Não foi enquanto sentiu, ou imaginou sentir, que o homem a desejava e esperava. Mas no quarto amanheceu terrivelmente agitada. Entretanto ainda recusou-se a ir abrir as pernas àquele homem. Pôs-se a calcular tudo que poderia fazer: ida a Sheffield, visita a vizinhos, mas tais pensamentos causaram-lhe horror. Decidiu-se por fim a um passeio em direção oposta à floresta. Iria a Marehay, saindo pelas traseiras do parque. Estava um calmo dia de primavera, quase quente, e caminhava sem nada ver, absorvida em suas cismas. Tiraram-na desse estado os latidos dum cão de guarda em Marehay. A "farm" de Marehay! Suas terras emendavam com as de Wragby, de modo que os proprietários eram vizinhos. Já de algum tempo Constance não vinha ali de visita.

— Bell! gritou ela para o grande "bull-terrier" baio. Já se esqueceu de mim? Não me reconhece mais?

Tinha medo do cachorro. Bell recuava, latindo. Nisto apareceu Mrs. Flint, uma mulher da idade de Lady Chatterley. Houvera sido professora e Constance a tinha como criatura muito falsa.

— Como!? Lady Chatterley aqui!...

Seus olhos brilharam e ela corou como menina.

— Quietos, Bell! Onde se viu latir para Lady Chatterley? Quietos!

Deu um pega no cachorro com um pano que tinha na mão e aproximou-se de Constance.

— Bell conhecia-me outrora, disse ela, estendendo-lhe a mão. Os Flints foram arrendatários dos Chatterleys.

— Claro que conhece Madame, mas quer exibir-se, observou Mrs. Flint, toda confusa e viva no acolher a Lady. Faz muito tempo que não a vê. Vai melhor de saúde?

— Obrigada.

— Não nos avistamos todo o inverno. Quer entrar para ver o bebê?

— Sim, mas... Constance hesitava.

Mrs. Flint precipitou-se na frente para dar ordem à casa e Constance a seguia lenta, hesitante; entrou pela cozinha escura, onde panelas ferviam no fogo. Mrs. Flint reapareceu.

— Por favor, desculpe-me. Quer vir por aqui?

Entraram para a sala de visitas, onde o bebê brincava no tapete, junto à lareira. O chá estava servido. Uma criadinha confusa sumia-se de costas pelo corredor.

O bebê era uma criança de um ano, bastante esperta, de cabelos ruivos como os do pai e olhos azulados. Menina. Estava entre travesseiros, rodeada de bonecas de pano e uma quantidade de brinquedos.

— Que amor! explodiu Constance. E como está desenvolvida! Uma meninona!

— Então, Josefina? Sabe quem veio te ver? Lady Chatterley! Conhece Lady Chatterley?